



**CARTA**  
INTERNACIONAL

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISSN 2526-9038

# Discursos importam: o impacto da mídia preparatória em ataques às Instituições Democráticas, aplicando estudo de caso nos Estados Unidos (2021) e no Brasil (2023)

*Speeches matter: the impact of preparatory media on attacks on Democratic Institutions, applying case studies in the United States (2021) and Brazil (2023)*

*Los discursos importan: el impacto de los medios de comunicación preparatorios en los ataques a las Instituciones Democráticas, aplicando un estudio de caso en Estados Unidos (2021) y en Brasil (2023)*

DOI: 10.21530/ci.v19n3.2024.1400

## Copyright:

• This is an open-access article distributed under the terms of a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided that the original author and source are credited.

• Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuído sob os termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados.

Lauro Henrique Gomes Accioly Filho<sup>1</sup>  
Fábio Rodrigo Ferreira Nobre<sup>2</sup>  
Alexandre César Cunha Leite<sup>3</sup>

## Resumo

Na atual conjuntura política, movimentos antidemocráticos estão em ascensão devido à retórica intolerante nas redes sociais, ameaçando regimes democráticos. O artigo investiga a relação

- 1 Mestre em Relações Internacionais na Universidade Estadual da Paraíba, com período sanduíche na American University, Washington D.C. (lauroaccioly.br@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1294-9366>.
- 2 Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais e da graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). (fabio.f.nobre@servidor.uepb.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2905-0541>.
- 3 Doutor em Ciências Sociais/Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. Professor Doutor Adjunto-DE do curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da UEPB. (alexandre.leite@servidor.uepb.edu.br). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0209-2717>.

Artigo submetido em 16/10/2023 e aprovado em 26/08/2024.





entre discursos de líderes políticos e atos violentos, analisando ataques ao patrimônio público nos Estados Unidos (2021) e Brasil (2023) durante as transições de governo. O método utilizado é um Estudo de Caso acompanhado por uma análise dos discursos dos líderes políticos. As principais conclusões são de que os discursos dos líderes políticos nas redes sociais possuem relação com a mobilização de atos violentos.

**Palavras-chave:** Processos Sociopolíticos; Comportamento Político; Comunicação; Análise de discursos.

## Abstract

In the current political landscape, anti-democratic movements are on the rise due to intolerant rhetoric on social media, threatening democratic regimes. This article investigates the relationship between the speeches of political leaders and violent acts, analyzing attacks on public property in the United States (2021) and Brazil (2023) during government transitions. The method used is a Case Study accompanied by an analysis of the political leaders' speeches. The main conclusions are that the speeches of political leaders on social media are related to the mobilization of violent acts.

**Keywords:** Sociopolitical Processes; Political Behavior; Communication; Discourse analysis.

## Resumen

En el contexto político actual, los movimientos antidemocráticos están en ascenso debido a la retórica intolerante en las redes sociales, amenazando los regímenes democráticos. Este artículo investiga la relación entre los discursos de los líderes políticos y los actos violentos, analizando los ataques al patrimonio público en los Estados Unidos (2021) y Brasil (2023) durante las transiciones de gobierno. El método utilizado es un Estudio de Caso acompañado de un análisis de los discursos de los líderes políticos. Las principales conclusiones son que los discursos de los líderes políticos en las redes sociales están relacionados con la movilización de actos violentos.

**Palabras clave:** Procesos Sociopolíticos; Comportamiento Político; Comunicación; Análisis de Discursos.





## Introdução

De acordo com Norris e Inglehart (2019), Levitsky e Ziblatt (2018), Castells (2018) e Brown (2019), movimentos antidemocráticos crescem devido a práticas discursivas intransigentes nas redes sociais, representando uma ameaça aos regimes democráticos.

O problema reside na função que a mídia pode exercer no imaginário de grupos políticos cuja influência reverbera no processo de significação do mundo. Segundo Nobre e Accioly Filho (2022), a mídia, especialmente as redes sociais após o avanço tecnológico da internet, tem um impacto significativo nas relações sociais e políticas, prejudicando a qualidade do debate público sobre questões políticas.

O artigo parte de uma análise dos casos de ataques às instituições políticas nos Estados Unidos (2021), o ataque ao Capitólio, e no Brasil (2023), o 8 de janeiro, durante o período de transição de governo. O objetivo é realizar uma análise, de forma explicativa, da relação que as redes sociais exerceram nas invasões aos patrimônios públicos dos países supracitados. A pergunta norteadora é: **qual a relação entre os discursos de líderes políticos nas redes sociais e a mobilização de atos violentos?**

Utiliza-se o Estudo de Caso (EC) como estratégia de pesquisa, visando uma análise intensiva e não exaustiva de fenômenos sociais específicos (Sátyro, D'Albuquerque 2020). Busca-se uma explicação do fenômeno por meio do arcabouço da mídia preparatória (Munn, 2021). A proposta de **mídia preparatória** de Munn (2021) reside em inferir que as redes sociais avocam características funcionais de ação política que funciona com base em níveis ideológicos e organizacionais para modificar a imagem de multidão à uma força coesa, distanciando-a do retrato de aglomeração de pessoas cujos diálogos são dispersos. Utiliza-se de forma complementar a análise de discursos para extrair significados das comunicações presentes em um texto (Gonçalves 2016). Associando a premissa da Mídia Preparatória (Munn, 2021) com a análise de discurso obtém-se um meio para explicar a origem e a natureza violenta dessas mobilizações. Utiliza-se a abordagem francesa que integra ideologia, história e linguagem, investigando a formação do imaginário social dos grupos políticos em questão (Caregnato e Mutti 2006). O uso conjunto do Estudo de Caso e da análise de discursos permite uma compreensão do fenômeno da mídia preparatória, explorando suas nuances e complexidades sob diferentes perspectivas analíticas.





O texto encontra-se dividido em cinco seções além desta introdução e das considerações finais. A próxima seção busca aprofundar como as redes sociais se tornaram terreno fértil para a disseminação de discursos intolerantes, transformando a animosidade política em ações violentas direcionadas não apenas a grupos políticos, mas também às próprias estruturas democráticas.

## **As redes sociais na política contemporânea**

Desde a Primavera Árabe em 2010, os movimentos populares estão mecanizando as redes sociais com intenção de facilitar a disseminação de informações em relação à composição das manifestações. No caso supracitado, foi recorrente durante momentos de reivindicação política, econômica e social (Bartkowiak, Fonseca, Mattos e Souza 2017).

Por outro ângulo, o discurso da extrema direita nos EUA antes do ataque ao Capitólio promovia coesão social através de uma clara divisão entre “nós” e “eles”. No entanto, ao incentivar a violência contra o processo eleitoral e sugerir que a violência era a única solução, essas mensagens incitaram grupos a agir violentamente dentro e fora das redes sociais (Munn 2021).

Pippa Norris e Ronald Inglehart (2019) observam que os movimentos da ultradireita utilizam plataformas de baixo custo, como Twitter e Facebook, para criar uma imagem social de grande adesão. Isso ocorre em meio a uma sociedade profundamente dividida nos debates políticos, resultando em mudanças nas identidades dos eleitores, que antes eram definidas principalmente por questões econômicas relacionadas ao papel do Estado. Lepore (2020), Mari, Zúñiga, Suerdem, Hanke, Borwn, Vila, Boer e Bilewicz (2022) e Oliver & Wood (2014) enfatizam que as redes sociais estão se tornando terrenos propícios para a disseminação de teorias da conspiração, resultando no surgimento de grupos políticos com posições extremistas no cenário político.

Nesse contexto, as redes sociais desempenham um papel crucial ao transformar observadores passivos em participantes ativos. No entanto, essa dinâmica se agrava quando há incitação à violência por meio de linguagem e conteúdo provocativos. Vários movimentos utilizam termos comuns, como mobilizar, incitar e legitimar, mas o que os diferencia é a forma como se engajam nas redes sociais, manipulando a linguagem e a prática discursiva (Munn 2021).





Segundo Onuf (2001), a narrativa detém um poder maior do que informar, ela traz representações sociais capazes de gerar imaginários sociais normativos quando usa de representações parciais que são selecionadas para corroborar uma retórica. Portanto, o discurso é o alicerce da incitação à violência, a depender de como se estruturar, ele pode fomentar a incitação de antagonismos e intensificar a animosidade até que resulte numa violência (Apter, 1997).

A contemporaneidade destaca significativas implicações sociopolíticas do impacto dos processos midiáticos da era digital, enquadrando um cenário de práticas comunicacionais que acentuam discussões em relação a linha tênue sobre demonstração de indignação e posicionamento político à semelhança de incitação à violência e discurso de ódio (Butler 2021).

Nessa conjunção, o espaço digital modifica características culturais e subjetivas a partir do ingresso das novas práticas de expressão e comunicação cuja potencialidade pode provocar impactos sociopolíticos significativos (Sibilia 2016). Assim, evidencia-se que os meios de comunicação são fatores de suma importância na constituição de percepções sobre a realidade. Por isso, visualizar a comunicação a partir do aspecto social favorece uma observação ampla da influência que a mídia exerce na sociedade.

A comunicação atribuída como uma organização simbólica em vez de instrumento informacional, possibilita, de acordo com Sodré (2014), fomentar uma compreensão mais ampla da transformação que o mundo sofre pelas forças sociopolíticas e das tecnologias de mídias. Isto porque cada meio comunicacional reflete a transformação contextual de sua época.

As redes sociais assumem, portanto, características funcionais de ação política, o que lhe habilita a trabalhar níveis ideológicos e organizacionais para modificar a imagem de multidão à uma força coesa, distanciando-a do retrato de aglomeração de pessoas cujos diálogos são dispersos (Munn 2021).

Outro elemento é o caráter global e coordenado da desinformação (Bennett e Livingston, 2020) e como uma ordem da desinformação emerge do declínio da confiança dos cidadãos nas instituições, à medida que a credibilidade da informação oficial nas notícias é exaurida. A tendência é criar confiabilidade em fontes alternativas de informação, alterando o entendimento da realidade pelo público e, conseqüentemente, perturbando a ordem democrática. Movimentos radicais de direita figuram entre os responsáveis por esse fenômeno e moveram-se no sentido de aumentar sua atuação nas mídias sociais. Esses movimentos são refletidos no Tea Party nos EUA e na ascensão de novos partidos como o





Alternativa para a Alemanha e o Movimento Cinco Estrelas na Itália, que espalham grandes volumes de desinformação (Bennett e Livingston 2020).

Tais configurações da mídia mostram como as redes sociais têm potencializado sua força nos processos sociopolíticos com os atores políticos usando-as para comunicarem-se diretamente com seus apoiadores (Muhammad e Nirwandy 2021). Segundo Miguel (2000), essas mídias detêm significativo papel na estruturação das representações da realidade, ao mesmo tempo em que as tornam responsáveis pela influência que podem promover ao comportamento político das pessoas. A comunicação digital reforça fragilidades das condições para o exercício da cidadania informada, o que deveria ser um dos requisitos basilares para os processos de eleições e acompanhamento das ações políticas diante de uma democracia representativa, ocasionando, assim, problemáticas empíricas de grande proporção (Dahl 2004).

Desta maneira, apesar do avanço das tecnologias de comunicação em agregar na igualdade política, há, em contrapartida, desafios que estas facilitações proporcionam a participação política, pois o acesso à informação não é um fator unitário de construção da consciência cívica das pessoas (Dahl 2012).

De acordo com Han (2018), a banalização do espaço midiático nas redes sociais torna exígua a possibilidade de mediar a comunicação à medida que a excessiva sensação de transparência ilude os cidadãos quanto a sua aquisição informativa, enquanto, paralelamente agrava a indignação dos usuários das redes sociais por este ambiente preenchido de ambiguidades informativas.

A ascensão de movimentos populares e extremistas nas redes sociais indicam uma mudança no cenário sociopolítico global. Estes grupos utilizam estrategicamente as plataformas digitais para disseminar desinformações, moldar identidades e incitar violência, agravando a polarização política. Apesar da democratização da informação, a comunicação digital amplifica as fragilidades na cidadania informada. A ilusão de transparência nas redes sociais aumenta a indignação devido às ambiguidades informativas.

As redes sociais desempenham, portanto, um papel funcional na ação política, transformando multidões em forças coesas, mas também apresentam desafios significativos para a democracia representativa. Assim, compreender esses fenômenos exige uma análise aprofundada das interseções entre tecnologia, comunicação, identidade e poder nas sociedades digitais contemporâneas, conforme será explorado nas próximas seções.





## As faces metodológicas da pesquisa

O artigo parte da utilização do Estudo de Caso (EC) como meio de identificar, mapear e compreender os riscos que as práticas comunicativas nas redes sociais podem causar às democracias. Segundo Mahoney (2008), os EC ambicionam compreender como determinados resultados puderam ocorrer em condições específicas, considerando que seu poder analítico advém da habilidade de identificar e analisar os processos causais, possibilitando produzir conhecimento além do espectro descritivo.

Nas recentes ocorrências analisadas no artigo, indica-se que a animosidade, centrada nos acontecimentos políticos nos Estados Unidos e no Brasil, respectivamente o ataque ao Capitólio e o 8 de janeiro, ultrapassam os limites dos linchamentos virtuais e discursos de ódio nas plataformas digitais. Ela se manifesta por meio de ações violentas que atingem o Estado, o patrimônio público e a imprescindível estabilidade necessária para uma divergência política pautada no respeito mútuo.

Define-se como meios de investigação os discursos de Donald Trump<sup>4</sup> e Jair Bolsonaro no Twitter<sup>5</sup> a fim de investigar os impactos sociopolíticos provocados pelas práticas comunicativas de ambos. A partir do banco de dados *Factba.se*, foi possível acessar os tweets de Donald Trump, mesmo após sua conta ter sido desativada pela própria empresa do *Twitter*. Realizou-se uma busca utilizando o termo *election* e coletamos 842 tweets, incluindo aqueles que haviam sido deletados, durante o período da campanha eleitoral, iniciando em 3 de abril e indo até 8 de janeiro, data em que Trump perdeu o acesso à sua conta na plataforma.

A escolha do termo *election* dá-se devido à recorrência de discursos nas redes sociais produzidas por Trump antes do ataque ao Capitólio focar em afirmar que as eleições foram fraudadas. Logo a escolha do termo coaduna com a conceituação do fenômeno estudado de mídia preparatória permitindo uma visão abrangente de como as animações políticas foram exploradas em excesso neste íterim.

Optou-se por excluir alguns tweets de nossa análise devido à falta de ferramentas tecnológicas, como softwares de extração de texto. Além disso, a

---

4 A partir do banco de dados disponibilizado em *Factba.se*. Material disponível em: <<https://factba.se/>>. Acesso em: 27 de julho de 2022.

5 A partir da própria rede social. Material disponível em: <[https://twitter.com/jairbolsonaro?ref\\_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor](https://twitter.com/jairbolsonaro?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor)>. Acesso em: 10 de agosto de 2022.





abordagem metodológica, baseada na análise de discursos, permitiu selecionar os materiais que se encaixavam nos critérios estabelecidos no **Quadro 1** desta seção. Como resultado, acabamos analisando apenas 4 tweets, sendo um deles um vídeo transcrito.

No caso de Bolsonaro, devido à ausência de um banco de dados abrangente que incluísse postagens deletadas, realizamos uma filtragem das publicações diretamente em sua própria conta na plataforma. Adicionalmente, foram incluídos discursos públicos em eventos importantes para suscitar aumento da animosidade política de seus apoiadores. A seleção foi guiada pelos critérios estabelecidos no **Quadro 1**. Ao contrário do processo adotado no caso de Donald Trump, não foi possível uma filtragem tão precisa.

As publicações escolhidas relacionam-se a eventos cruciais discutidos ao longo do artigo. Estes incluem a resposta de Bolsonaro à invasão de prédios públicos em Brasília, sua opinião sobre o ocorrido no Capitólio dos Estados Unidos, bem como sua reação pública após a derrota na campanha eleitoral. Um aspecto notável foi o silêncio mantido pelo Presidente por mais de 40 horas após insucesso no resultado da corrida eleitoral.

A escolha do Twitter deu-se em razão da sua projeção internacional como estratégia política de campanha eleitoral, considerado por muitos como um *twiplomacy*, que significa o uso da citada rede social como plataforma de campanha e meio de comunicação, com intuito de fortalecer uma agenda política. Todavia, um mecanismo bastante explorado nesta estratégia pelo Trump foi o medo da população estadunidense a partir dos estigmas implementados desde o 11 de Setembro, o que lhe garantiu apoio e visibilidade na sua agenda em relação a imigrantes, pessoas refugiadas e as pautas sobre terrorismo (Gonçalves, De Assis 2019).

A análise de discurso (AD) foi realizada por meio da integração de três elementos fundamentais: **ideologia**, **história** e **linguagem**. A ideologia refere-se ao posicionamento do sujeito em relação a um conjunto de ideias, fornecendo insights sobre a audiência a quem o discurso é direcionado. A história representa o contexto sócio-histórico no qual o discurso se insere, sendo essencial para situá-lo no espaço e no tempo. E a linguagem constitui a materialidade do texto, revelando o significado que o sujeito deseja transmitir por meio de seu discurso. Esses três elementos combinados proporcionaram uma análise abrangente e contextualizada das mensagens analisadas (Caregnato e Mutti 2006).





**Quadro 1. Estrutura metodológica da Análise de Discurso**

<b>Ideologia</b>	<b>História</b>	<b>Linguagem</b>
A quem se filia, advém de algum grupo ideológico	Contexto em que ocorre o discurso	O sentido (objetivo) do texto que pode não ser explícito

Fonte: Elaboração própria.

A metodologia de análise qualitativa dos fenômenos sociais incorpora atenção ao contexto que opera a construção da linguagem permitindo investigar e explorar como ideias e objetos são socialmente construídos.

Complementarmente foi preciso fazer uma investigação da interpelação, processo que identifica as posições dos sujeitos no texto que foram usados para interpelar os indivíduos concretos definidos nesse processo. O procedimento de análise de discurso apoiado na interpelação permite examinar quem discursa e qual é sua posição de poder, aguçando meios de compreender como os discursos foram naturalizados de modo a se tornarem senso comum a determinados grupos (Weldes e Laffey 2004).

Dessa forma, é crucial entender quem está proferindo o discurso e qual é a sua posição de poder. Nos casos em análise, Trump e Bolsonaro são figuras políticas cuja influência é significativa devido aos seus cargos como Chefes de Estado, o que os distingue em termos de poder em comparação com períodos anteriores quando não ocupavam essas posições.

Posteriormente, segue-se o plano de examinar os discursos que foram naturalizados e tornaram um senso comum, conforme aponta Munn (2021) ao relatar que havia uma coesão social entre os grupos responsáveis pelo ataque ao Capitólio e que demonstravam apoio a Donald Trump, não era um meio de organizar manifestações políticas, era onde ocorria o próprio evento (pré-constituído).

Conforme destaca Butler (2021), os discursos injuriosos precisam ser analisados desde que se perceba a capacidade de agência da linguagem, tornando-a um ato que tem consequências. Destarte, é imprescindível que os discursos sejam analisados com base nos significados e representações que foram enunciados e da forma como foi veiculado. Também se faz necessário identificar de que maneira é reforçado a repetição desses discursos, capazes de agravar os contextos de injúrias.

Não obstante, fazer uma análise de discursos, na qualidade de técnica de extração do significado de comunicações para explorar a contextualização





dos enunciados no texto, com suporte da análise sequencial para reconstruir a estrutura do texto e do caso selecionado, é indispensável para a pesquisa em questão (Gonçalves 2016).

Nesta seção, a análise dos discursos foi explorada como mecanismo para compreender não apenas as palavras proferidas de líderes políticos como Donald Trump e Jair Bolsonaro no *Twitter*, mas também aos impactos sociais de seus discursos, destacando a necessidade contínua de examinar e questionar os discursos em um contexto mais amplo. A abordagem de AD consiste em um mecanismo adequado por integrar três elementos analíticos: ideologia, história e linguagem, oferecendo, assim, insights sobre a audiência, contextualizando o ambiente sócio-histórico e revelando significados subjacentes. A análise permitiu entender o papel dos discursos nas interações sociais e estruturas sociais complexas, ressaltando a importância contínua de examinar e questionar os discursos públicos em um contexto mais amplo para compreender seus impactos sociais, políticos e históricos. Deste modo, as seções 4 e 5 serão os Estudos de casos aplicados aos mecanismos metodológicos da AD explicada nesta seção.

## **O caso estadunidense: invasão ao capitólio e as práticas comunicativas de Trump**

O ataque ao Capitólio dos Estados Unidos em 6 de janeiro de 2021 ocorreu durante a sessão conjunta do Congresso para ratificar a vitória eleitoral de Joe Biden. Apoiadores de Donald Trump se reuniram em Washington, D.C., numa manifestação chamada de “Save America” que foi organizada para contestar os resultados das eleições presidenciais de 2020, todavia, acabaram invadindo o prédio, cujo caos resultou em várias mortes, incluindo a de um policial, e vários feridos, tanto entre os manifestantes quanto entre os policiais (Munn 2021).

O evento levou à evacuação dos membros do Congresso, interrompendo o processo de ratificação dos votos do Colégio Eleitoral. O ocorrido foi condenado globalmente como um ataque à democracia e levou a debates sobre segurança institucional, retórica política e a importância do discurso político responsável, assim como do respeito às normas democráticas (Armaly, Buckley e Enders 2022).

A manifestação orquestrada para protestar contra os resultados das eleições presidenciais de 2020 acabou escalando numa tomada violenta do edifício do Capitólio dos Estados Unidos. Embora ocorrido em janeiro de 2021, anteriormente,





havia entre os grupos de apoiadores do candidato à reeleição, Donald Trump, a circulação de diálogos sobre fraude eleitoral e ineficiência do sistema eleitoral americano. Porquanto, o evento foi de natureza partidária cujo cenário era de uma eleição bastante disputada (Armaly, Buckley e Enders 2022).

A partir das pesquisas experimentais do comportamento eleitoral do grupo político que contemplou maioria dos manifestantes do evento, Armaly, Buckley e Enders (2022) identificaram que o nacionalismo cristão nos Estados Unidos progressivamente associou-se ao aumento do apoio à violência política. A desinformação conspiratória foi favorecida por instituições religiosas, influenciando mensagens de líderes políticos que incentivam comportamento hostil.

Os discursos de Trump minaram a integridade da segurança eleitoral, especificamente, por desacreditar a integridade do próprio Departamento de Segurança interno sob sua administração (Luke 2021).

Conforme sua postagem do dia 10 de setembro e do dia 15 de novembro de 2020, verifica-se a retórica de Trump de enquadrar o resultado das eleições como roubado. Trump ainda sustentava que o reconhecimento das urnas só se deu por uma Mídia que é atribuída por ele como falsa, ensejando a fundamentação de que há uma grande mídia corrupta por trás de todo o processo eleitoral.

Ele só venceu aos olhos da MÍDIA FAKE NEWS. Eu não concedo NADA!  
Temos um longo caminho a percorrer. Esta foi uma ELEIÇÃO FRAUDADA!<sup>6</sup>

A direita radical que apoia D. Trump consiste em um grupo político que se opõe a fatores essenciais à democracia liberal, criticam o sistema eleitoral e a liberdade de imprensa (Mudde 2019); o que permite compreender o discurso como alinhado à ultradireita.

Todavia, embora Mudde (2020) sublinhe que a definição de ultradireita sofra variações devido o fenômeno ser recorrentemente abordado por vários autores, é comum que a maioria sintonize aditivos partilhados, cujos parâmetros de etnia e raça estabelecessem disputas sobre o imaginário de nação e integridade, sendo eles alimentados por discursos de ódio que recaem em antissemitismo, racismo e xenofobia (Jüpskas e Leidig 2020). Não obstante, é o que deixa grifado o elemento da ideologia do discurso de Trump que é filiado a este grupo.

---

<sup>6</sup> Versão original: He only won in the eyes of the FAKE NEWS MEDIA. I concede NOTHING! We have a long way to go. This was a RIGGED ELECTION!





De acordo com Levitsky e Ziblatt (2018), a liderança política da qual Trump representa, põe na arena política inimigos e não adversários, e agregam a esta conjuntura, o planejamento de desvalidar aqueles que compõem os alicerces do sistema democrático. No discurso exposto, o que se denomina Mídia, lê-se a Imprensa e o Departamento de Segurança, responsável pela legitimidade do sistema eleitoral, sendo alvos de invalidação. Outro momento que grifa essa postura é quando Trump discursa minutos antes a invasão do Capitólio:

A mídia é o maior problema que temos, na minha opinião, o maior de todos. As Fake News [...] derrote-os. Há quatro anos, nós os surpreendemos. Pegamos eles de surpresa, e este ano eles manipularam uma eleição. Manipularam como nunca antes [...] Você sabe, a América é abençoada com eleições. No mundo todo, falam sobre nossas eleições. Sabe o que o mundo diz sobre nós agora? **Dizem que não temos eleições livres e justas.** E sabe o que mais? Não temos uma imprensa livre e justa. Nossa mídia não é livre, não é justa. Ela suprime o pensamento, suprime a liberdade de expressão e se tornou inimiga do povo.<sup>7</sup>

A partir deste discurso, a forma como Trump expressa seu descontentamento com a derrota eleitoral, indica que sua postura foi recorrentemente voltada a ensejar falas que buscavam, o que Wendy Brown (2019) coloca como: potencializar as identidades marginalizadas dos seus apoiadores.

Conforme fez numa publicação<sup>8</sup> após a escalada do evento de invasão ao Capitólio, Donald Trump formulou um discurso suasório de que o evento do ataque ao Capitólio foi uma demonstração de insatisfação de seu eleitorado que não aceitavam juntamente com ele a vitória eleitoral que teria sido arrancada deles por um processo eleitoral fraudulento.

Essas são as coisas e os eventos que acontecem quando uma vitória sagrada em uma eleição por avalanche de votos é tão sem cerimônia e brutalmente arrancada de grandes patriotas que foram mal e injustamente

---

7 Versão original: The media is the biggest problem we have as far as I'm concerned, the single biggest problem. The fake News [...] beat them. Four years ago we surprised them. We took them by surprise, and this year they rigged an election. They rigged it like they've never rigged an election before [...] You know, America is blessed with elections. All over the world they talk about our elections. You know what the world says about us now? They said we don't have free and fair elections. And you know what else? We don't have a free and fair press. Our media is not free, it's not fare. It suppresses thought, it suppresses speech, and it's become the enemy of the people.

8 O arquivo da publicação na rede social do Twitter transcrito no corpo do texto está disponível em: <https://factba.se/trump/search#sacred%2Blandslide%2Belection>.





tratados por tanto tempo. Vão para casa com amor e em paz. Lembrem-se deste dia para sempre.<sup>9</sup>

Segundo dados do *Uniform Crime Reporting Program* do FBI, os crimes de ódio em 2020 aumentaram aproximadamente em 35%, comparado aos números apresentados em 2016, sendo de 6.121 a 8.263 incidentes criminais e 7.321 a 11.129 ofensas relatadas como motivadas por preconceito. A compilação de dados fornecidas, por sua vez, estabelece o crime de ódio como um crime cometido motivado, no todo ou em parte, por um limite de evidência que o ofensor apresenta contra raça, religião, deficiência, orientação sexual, etnia, gênero ou identidade de gênero da vítima.

Com base nessas análises, torna-se evidente que os discursos e postagens de Trump anteriores ao ataque refletiam um senso de propósito compartilhado e coesão social rigidamente definidos: o desejo de restabelecer uma identidade americana baseada em um imaginário estritamente excludente. Donald Trump adotou um discurso que ressoava diretamente com o bloco político da extrema direita, em vez de se alinhar com o partido republicano em sua totalidade.

Isso é particularmente relevante dado o contexto histórico de intensos conflitos culturais na arena política, conforme mencionado no artigo. Além disso, ele promoveu uma narrativa polarizada de “nós” contra “eles”, intensificando antagonismos e incentivando ações violentas não apenas contra adversários políticos, mas também contra instituições políticas.

Esses discursos tornaram-se perigosos ao incitar a violência, ao mesmo tempo em que endossaram ações contra a legitimidade do processo eleitoral, alimentando grupos para agirem violentamente tanto nas redes sociais quanto fora delas (Munn 2021). Isso revela uma das estratégias linguísticas coordenadas entre Trump e seus seguidores de inibir qualquer mudança no status social de poder de seu grupo político. Sendo assim, o papel de Trump foi amplificar essa dinâmica.

Ao passo que essas colocações de Munn (2021) são feitas, podemos colocar em consideração um vídeo que o então, líder político republicano, Donald Trump publicou em sua conta do Twitter, minutos antes da invasão ao Capitólio cujo teor põe em considerável enquadramento, a relação do seu discurso com a mobilização que escalou no ataque ao patrimônio público, símbolo global da democracia.

---

<sup>9</sup> Versão original: These are the things and events that happen when a sacred landslide election victory is so unceremoniously & viciously stripped away from great patriots who have been badly & unfairly treated for so long. Go home with love & in peace. remember this day forever.





Nós lutamos com todas as forças. **E se vocês não lutarem com todas as forças, não terão mais um país.** Nossas aventuras empolgantes e nossos empreendimentos mais ousados ainda não começaram. Meus compatriotas, para o nosso movimento, para nossos filhos e para nosso amado país, e digo isso apesar de tudo o que aconteceu, o melhor ainda está por vir. Vamos descer a Pennsylvania Avenue. Eu amo a Pennsylvania Avenue. E vamos até o Capitólio, e vamos tentar dar – os democratas são um caso perdido, eles nunca votaram a favor de nada.<sup>10</sup>

Butler (2021) afirma que a construção linguística do sentido de ameaça põe em campo a certeza de que o ato relatado será realizado. Geralmente, frases-chave são estruturadas com conjunções subordinativas, frequentemente usando o termo “se” com a colocação de uma condição, da qual se algo não for feito, algo poderá ocorrer que não terá contorno. No caso elencado, ele reforça a repetição de seus discursos que agravam os contextos de injúrias em relação à eleição ter sido fraudulenta, impulsionando, a certa medida, ações dos seus apoiadores que podem interpretar estas colocações de formas equivocadas.

O vídeo contendo o discurso, publicado em sua conta do Twitter, revelou seu poder de influência ao incitar comportamentos hostis na frente do Capitólio, levando a uma ebulição incontrolável de pessoas que depredaram e invadiram o prédio (Munn 2021). Diante disso, a presença de Donald Trump nas redes sociais tornou-se um fator crucial na ascensão marcante dos líderes da ultradireita. Sua participação ampliou a normalização de discursos entre esses grupos, que por décadas foram marginalizados na esfera política (Mudde 2020).

#### Quadro 2. Associação do caso de Trump aos critérios da Análise de Discursos

Ideologia	História	Linguagem
Grupos da extrema direita que se autodeclararam “excluídos” das decisões políticas.	Crescimento da rivalidade política;	Invalidar o processo eleitoral e a Imprensa; criar antagonismo contra estas instituições.

Fonte: Elaboração própria.

A análise do discurso de Donald Trump, especialmente em relação ao ataque ao Capitólio em janeiro de 2021, indica uma relação entre seus discursos nas redes sociais, enquanto líder político, e a mobilização de atos violentos.

<sup>10</sup> Versão original: We fight like hell. And if you don't fight like hell, you're not going to have a country anymore. Our exciting adventures and boldest endeavors have not yet begun. My fellow Americans, for our movement, for our children, and for our beloved country, and I say this despite all that's happened, the best is yet to come. we're going to walk down Pennsylvania Avenue. I love Pennsylvania Avenue. And we're going to the Capitol, and we're going to try and give -- the Democrats are hopeless, they never voted for anything.





As estratégias linguísticas de Trump envolviam a criação de um sentido de ameaça iminente, utilizando frases-chave estrategicamente estruturadas com conjunções subordinativas, especialmente o termo “se”, condicionando ações aos seus seguidores. Essas mensagens, disseminadas nas redes sociais, não apenas reforçaram a narrativa de fraude eleitoral, mas também incitaram comportamentos hostis.

Trump não reprimiu os atos violentos dos seus apoiadores, potencializando suas identidades marginalizadas e alimentando um sentimento de insatisfação que levou ao ataque ao Capitólio. O poder de sua retórica foi evidenciado no vídeo publicado antes do ataque, indicando uma contribuição na motivação da invasão e depredação do prédio.

O papel de Trump nas redes sociais foi crucial na ascensão dos líderes da ultradireita, normalizando discursos marginalizados por décadas na esfera política. Sua influência exacerbou as divisões sociais e políticas nos Estados Unidos, dando indícios da interseção perigosa entre retórica política incendiária e ações reais de violência. Esses eventos destacam a necessidade urgente de examinar de perto o poder do discurso político nas plataformas digitais e suas implicações tangíveis na sociedade.

## **O caso brasileiro: invasão ao planalto e as práticas comunicativas de Bolsonaro**

A política fascista adotada pelos grupos ultranacionalistas que representa a ultradireita contemporânea é caracterizada por conjunturas discursivas sustentadas por teorias da conspiração (Silva, Brites, Oliveira e Borri 2014). Estas teorias têm como base a promoção de conflitos com o campo científico (Stanley 2018). Não à toa, são frequentemente sujeitos às injúrias aqueles que compõem o âmbito acadêmico das universidades, o que demonstra que sua tática é arquitetada para montar uma identidade de inimigo daqueles que fogem da compreensão do mundo por referências apelativas, como o medo.

Segundo Teitelbaum (2020), são os adeptos da perspectiva tradicionalista que polemizam a Modernidade e seus resultados, cujas bases do progresso e inovação deram forma ao campo científico e restringiram o poderio do espectro religioso na sociedade. São alvos frequentes desses grupos a Academia e a Imprensa, à medida que, segundo Brown (2019), exercem papéis suasórios na





intercomunicação da sociedade com a agenda política. A critério de exemplo, temos os seguintes tweets<sup>11</sup>:

Quando não há problemas no governo, a maior parte da mídia inventa alguma para ter o que falar e manipular. **Informe-se sempre buscando uma mídia alternativa, pois infelizmente muitas das habituais não querem o melhor para o Brasil**, somente para si mesmas!

Infelizmente, **temos que passar grande parte do tempo desmentindo invenções que parte da mídia e a oposição fazem para desestabilizar o atual governo**. Todos sabemos que seria assim, há um interesse gigantesco na máquina pública e não é por preocupação com o futuro do país.

Nas postagens encontramos uma movimentação do Bolsonaro de incentivar seus apoiadores a não diversificarem suas informações, conforme destacado por (Nobre e Accioly Filho 2022), como um desafio grave a relação da população com o Estado. Especialmente, porque esses meios alternativos de informação utilizam estratégias para maximizar o envolvimento nas redes sociais, criando mensagens que evocam fortes reações emocionais. Em particular, mensagens negativas que depreciam grupos oponentes e geram considerável engajamento (Marie, Atlay e Strickland 2023).

Conforme sublinhado por Stocking, Mitchell, Matsa, Afkari e Grant (2022), quase dois terços dos consumidores de notícias de redes sociais alternativas (64%) são a favor da proteção da liberdade de expressão, mesmo que esta traga consigo algum conteúdo falso. Neste contexto sociopolítico, observa-se uma grande parcela dos usuários de mídias alternativas sendo mais propensa a residir em ambientes que ressoam e cristalizam diálogos de sua bolha, que acomete esses usuários ao acesso à desinformação (Pariser, 2012).

Embora estivesse nos Estados Unidos, o ex-Presidente Bolsonaro fez uma publicação<sup>12</sup> em sua rede social, no *Twitter*, especificamente, abordando o evento de invasão ao Planalto brasileiro. Seu discurso não remediou aqueles que estiveram engajados pela retórica de que a eleição foi fraudada, assim como fez Donald Trump. Sua colocação que remete uma atribuição, do próprio, sobre ataques antidemocráticos similares ao que ocorreu com o planalto nos anos de 2013 e 2017, os quais ele denomina como “praticados pela esquerda”:

11 Disponíveis, por ordem de apresentação, em: < <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1124508626394202112?t=wrHDW5oaXKFKH3SEjOhKOQ&amp;s=19> > & < <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1127273817070546951?t=vRdWa56NuL28Ec5WIkjxlA&amp;s=19> > . Acesso em: 04/03/2023.

12 Disponível em: < <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1612242019564548097> > . Acesso em: 04/03/2023.







Manifestações pacíficas, na forma da lei, fazem parte da democracia. Contudo, depredações e invasões de prédios públicos como ocorridos no dia de hoje, **assim como os praticados pela esquerda em 2013 e 2017**, fogem à regra

Suplementar a AD feita, uma pesquisa produzida por AtlasIntel (2023) a partir de uma coleta de entrevista com 2.200 correspondentes, dos resultados obtidos, nota-se que 42,7% acreditavam que o Bolsonaro não tinha responsabilidade pela invasão ao Planalto, enquanto 50,2% pensavam o contrário. Simultaneamente, 50,5% dos evangélicos entrevistados informaram que a invasão ao Planalto foi justificável, fora que 67,9% dos evangélicos não acredita que Lula tivesse obtido mais votos que Bolsonaro na eleição de 2022. E, mais da metade dos evangélicos corroboraram com a proposta de intervenção militar a fim de invalidar o resultado da eleição presidencial, sendo um número aproximado de 64%.

Esses dados destacam uma polarização significativa e uma alta desconfiança nas instituições eleitorais entre uma parcela considerável da população evangélica. Segundo Pippa Norris e Ronald Inglehart (2019), o mesmo é apontado no caso de Trump.

Segundo Almeida (2019), o eleitorado evangélico sempre foi adepto aos discursos de mudanças concernentes à sexualidade, gênero e reprodução. Deste modo, sua campanha eleitoral conquistou esses eleitores à medida que fomentou um pânico moral, a partir do combate à chamada “ideologia de gênero”, um dos maiores espectro que assombra a população mais conservadora no Brasil.

A campanha de Bolsonaro em 2017 destoava-se das demais pela intensidade do uso das redes sociais; usando-as enquanto mecanismo para difusão de narrativas guiadas por inversões de sentido e notícias falsas. Um exemplo foi o caso da suposta acusação de que houve uma distribuição, do nomeado kit gay, nas escolas públicas por Fernando Haddad, durante o período em que foi Ministro da Educação (Almeida 2019).

Após dias em silêncio, o Presidente em exercício à época, Jair Bolsonaro, realizou um pronunciamento<sup>13</sup> no palácio da alvorada, demonstrando o descontentamento com o resultado eleitoral e comparando os movimentos de acampamento em quartéis do exército brasileiro por todo o país.

---

13 Disponível na plataforma do Youtube, a partir do canal Tv Brasil que é financiada pelo Governo Federal: < <https://www.youtube.com/watch?v=V9tg5Tus7hE> > . Acesso em 15/02/2023.





“Os atuais movimentos populares são frutos de indignação e sentimento de injustiça de como se deu o processo eleitoral. As manifestações pacíficas sempre serão bem-vindas, mas os **nossos métodos não podem ser os da esquerda que sempre prejudicaram a população, como a invasão de propriedades, destruição de patrimônios e cerceamento do direito de ir e vir**. A direita surgiu de verdade em nosso país, nossa robusta representação no Congresso mostra a força dos nossos valores: Deus, Pátria, Família e Liberdade.”

Apesar de enaltecer o ganho político que a direita recebe na arena política desde sua eleição, sua retórica vai além de vislumbrar os efeitos de sua linha política. Seu discurso é sempre de colocar um contraponto sobre sua perspectiva do método de agir politicamente da esquerda, o qual faz condenações suasórias.

Diante dos discursos nos quais desacreditava o processo eleitoral eletrônico e fazendo comparações com o ataque ao Capitólio nos Estados Unidos, o líder político, ainda no cargo de Chefe de Estado na época, proferiu<sup>14</sup>:

“[...] o que aconteceu nas eleições americanas agora [...] a causa dessa crise toda, **falta de confiança no voto** [...] e aqui no Brasil, se tivermos o voto eletrônico em 2022 vai ser a mesma coisa, a fraude existe, daí a imprensa vai falar “sem prova” [...] **se nós não tivermos o voto impresso em 2022, uma maneira de auditar o voto, nós vamos ter problema pior que os Estados Unidos**” (BOLSONARO, 2022, grifo do autor).

À vista disso, pode ser observado que sua postura frequentemente se inclinou a práticas discursivas inflamatórias, embora pudesse ser só um modo distinto de conduta por um Chefe de Estado. Segundo Levitsky e Ziblatt (2018), o que realmente determina líderes populistas com posturas que podem provocar uma cisão de um regime político são aqueles que põe em descrença, a partir da conquista de capital social de grande parcela da população, as instituições políticas e seus acessórios, como foi o ataque constante a Imprensa e ao processo eleitoral, sua estrutura a priori.

Logo, são os estímulos à desconfiança nos fundamentos dos regimes democráticos que líderes como Bolsonaro e Trump fazem acontecer a animosidade política nível intransigente. Todavia, os casos de invasão e depredação dos

---

14 Disponível no canal do Youtube do Jornal Estadão: <<https://www.youtube.com/watch?v=GFEzMlalf14>> . Acesso em: 15/02/2023.





patrimônios públicos, trazem, por seu turno, uma problemática maior que reside na radicalização política contra o próprio sistema democrático.

### Quadro 3. Associação do caso de Bolsonaro aos critérios da Análise de Discursos

Ideologia	História	Linguagem
Grupos da extrema direita que se autodeclararam “excluídos” das decisões políticas.	Crescimento da rivalidade política;	Invalidar o processo eleitoral e a Imprensa; criar antagonismo contra estas instituições.

Fonte: Elaboração própria

A análise detalhada dos discursos políticos de líderes de Bolsonaro e Trump revela uma estratégia comum: a explorar o incentivo a seus apoiadores consumirem informações de suas bolhas e a estimular a rivalidade política a nível extremista. Esta tática indica uma eficiência devido à sua acessibilidade às massas, manipulando as percepções em detrimento da verdade factual.

Em vista disso, Bolsonaro utilizou sua presença nas redes sociais para difundir suas narrativas, alimentando o pânico moral em seu eleitorado (Almeida 2019). Sua retórica, conforme indicado nos dados do AtlasIntel (2023), ilustra como ele conseguiu polarizar a opinião pública, especialmente entre os evangélicos, criando um terreno propício para a desconfiança nas instituições democráticas.

A descredibilização do processo eleitoral, a condenação da Imprensa e o incentivo ao isolamento informacional são táticas compartilhadas por líderes populistas como Bolsonaro e Trump, minando a confiança nas instituições democráticas e alimentando uma animosidade política intransigente.

Neste contexto, é crucial refletir o poder do discurso político na formação de percepções e comportamentos. A análise dessas estratégias discursivas oferece *insights* cruciais para enfrentar os desafios contemporâneos da política polarizada e preservar os alicerces democráticos em sociedades ao redor do mundo.

## Resultados das análises

Conforme visto na seção metodológica, a análise de discurso de linha francesa se atém a investigar como o imaginário social de grupos políticos são constituídos, o que, seguindo a proposta do artigo, possibilitou analisar por qual motivo alguns grupos políticos atuaram de forma violenta contra seus regimes políticos.





Notando-se os quadros elaborados nos dois casos analisados, os alvos primordiais foram a Imprensa e o Processo eleitoral. Dois elementos integrativos dos processos de formular e exprimir preferência política, conforme destaca Dahl (2012).

Em ambos casos, os dois líderes usaram palavras que incentivaram seus apoiadores a ficarem restritos a obter informações apenas por mídias alternativas, cuja maioria delas eram fontes e reproduções discursivas dos mesmos. Essa conjuntura faz ressoar a crítica de Nobre e Accioly Filho (2022) acerca das condições atuais que impedem alguns grupos de formular e exprimir suas preferências políticas, sem intervenção do controle de informações, prejudicando seu vínculo com o aparato estatal e a crença nele.

O contexto do populismo digital, conforme destaca Cesarino (2019, 2022), é delicado porque a mobilização política é baseada em afetos, não em racionalidade. Emoções como ressentimento e raiva são ativadas e reforçadas dentro de bolhas informacionais. Essas bolhas, criadas por aplicativos como o WhatsApp, limitam a exposição a diferentes pontos de vista, promovendo grupos fechados. As mensagens políticas, compartilhadas em redes de confiança como familiares e amigos, fortalecem a credibilidade do conteúdo e visam efeitos específicos, como a equivalência entre liderança e povo e a mobilização contínua.

Segundo Lévi-Strauss (2018), a fixação das pessoas por uma atração de atenção se atrela ao universo simbólico de um sujeito, ao que ele atribui como verdade, a forma como a qual ele decodifica a realidade. Portanto, não há uma separação de sujeito e cultura, nem de linguagem e sujeitos, pois são indissociáveis. Para Lacan (1966), os discursos dão significado às funções dos indivíduos ao ponto que a história deles é constituída pela fala e endereçada pelo outro, pois suas operações são as das histórias daquilo que constitui a emergência da verdade na realidade. Neste sentido, a realidade é imaginária/simbólica à medida que o símbolo lançado sobre o concreto dita a experiência do real, ou seja, temos uma operação simbólica que pretende acessar o imaginário e dar consistência a ele em relação a experiência do real, o que, logo, constitui a pessoa.

A operação dos símbolos é curiosa porque pouco importa se ela é objetivada de forma concreta na realidade. Importa mais a crença do sujeito nesses símbolos. Partindo da concepção que nós somos seres culturais, porque construímos nossos significados e valores. Logo, a eficácia simbólica reside na propriedade indutora de quem discursa e daqueles que estão sujeitos a serem devotos da consistência imaginária do sujeito narrador (Lévi-Strauss 2018).





À vista disso, notamos que um não foge do outro, o discurso não foge da realidade concreta, todavia, ela opera na sua estruturação quando vemos no caso de ataques aos prédios públicos que são símbolos de um regime democrático que foram os sentidos atribuídos às palavras, usadas pelos líderes em questão, induziram grupos de pessoas a agirem com adesão à violência, pois em seus discursos eles deram consistência a realidade desses sujeitos de que o processo eleitoral foi fraudulento e de que os meios de comunicações responsáveis por noticiar o mundo político eram falsos.

Assim, aguçando a descrença nos elementos que são primordiais a garantia institucional mais indelével da democracia (Dahl, 2012), que é a de formular e exprimir preferência política, nota-se uma relação entre o discurso desses líderes e a formação dos atos violentos.

Portanto, conforme observado por Lévi-Strauss (2018), nos casos analisados, pouco importou o trabalho dos sistemas eleitorais, assim como da própria mídia em reagir às notícias falsas que circulavam sobre a fraude eleitoral. As pessoas foram limitadas a acreditar apenas no que seus líderes e canais de mídia indicados afirmavam ser verdade, devido à influência dos símbolos e da linguagem na formação de suas crenças sobre a realidade, mesmo diante de notícias falsas não comprovadas sobre fraude eleitoral.

## **Considerações Finais**

De acordo com as análises feitas, observa-se uma relação entre os discursos de líderes políticos nas redes sociais e a forma como grupos políticos interpretam e se mobilizam diante das conjunturas tecidas. Conforme grifado por Levitsky e Ziblatt (2018), o respeito e a tolerância mútua entre os partidos políticos e seus eleitorados é a máxima da preservação dos regimes democráticos, todos devem discordar das propostas que cada um oferta, todavia, jamais devem fazer contraposições em aspectos intransigentes que causem danos a sua integridade.

Embora o cerne dos debates sobre a volumosa ascensão da ultradireita globalmente reside nos conflitos sociopolíticos, nota-se que desde a transição dos governos no caso dos Estados Unidos e o do Brasil, a intransigência ultrapassa a animosidade partidária e designa-se ao ataque em si do sistema democrático, pois ambos casos configuraram uma tentativa de desvalidar o sistema eleitoral e sua legitimidade.





No que lhe concerne, foi recorrente nos discursos entre os dois líderes políticos analisados, desvalidar as urnas e estimular o não reconhecimento da derrota na competição eleitoral. Sabendo-se que as redes sociais tomam dimensões brandas, as lideranças políticas estão cada vez mais sujeitas a precisarem rever suas exposições, afinal são figuras públicas que lideram e estimulam comportamentos, conforme visto na segunda seção.

Ao passo que estas considerações são postuladas, acrescentasse que, segundo Munn (2021), as redes sociais podem funcionar mais do que meros instrumentos informativos e comunicativos, sendo suas estruturas críveis de investigação quanto a modalidade de mobilizar grupos a tomarem ações violentas. Confirmando sua premissa nos dois Estudos de casos aplicados.

Em suma, nota-se que as redes sociais potencializam o alcance que as retóricas dos respectivos líderes exerceram na fomentação dos atos antidemocráticos, resultando em depredações de patrimônios públicos, enquanto tentativas de contestar o resultado das eleições. E, com isso, uma nova preocupação é apresentada quanto aos processos sociopolíticos contemporâneos, cujo papel das redes sociais e seu uso por lideranças políticas precisam ser discutidos, a fim de evitar que a propagação de desinformação ou defesas incabíveis contra o sistema democrático sejam feitas, ao ponto de fomentar ataques contra os patrimônios públicos.

## Referências

- Armaly, Miles; Buckley, David.; Enders, Adam. 2022. Christian nationalism and political violence: victimhood, racial identity, conspiracy, and support for the capitol attacks. *Political behavior*, v. 44, n. 2: 937-960. <https://link.springer.com/article/10.1007/s11109-021-09758-y>.
- Almeida, Ronaldo de. 2019. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo ea crise brasileira. *Novos estudos CEBRAP*, v. 38, n. 1: 185-213.
- Apter, David. 1997. *The legitimization of violence*. New York: New York University Press.
- AtlasIntel. 2023. Pesquisa Atlas: invasão do Congresso, do STF e do Planalto. [https://static.poder360.com.br/2023/01/Pesquisa\\_Atlas\\_Invasao\\_do\\_Congresso\\_do\\_STF\\_e\\_do\\_Planalto\\_08\\_09.pdf](https://static.poder360.com.br/2023/01/Pesquisa_Atlas_Invasao_do_Congresso_do_STF_e_do_Planalto_08_09.pdf).
- Bartkowiak, Jaqueline Zandona; Fonseca, Thatiane; Mattos, Gabriel; Souza, Vitor . 2017. *A Primavera Árabe e as Redes Sociais: o uso das redes sociais nas manifestações da*





- Primavera Árabe nos países da Tunísia, Egito e Líbia. *Revista Cadernos Internacionais*, v. 10, n. 1. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/30432/30432.PDF>.
- Bennett, W. Lance; Livingston, Steven. 2020. *The disinformation age*. United Kingdom: Cambridge University Press.
- Brown, Wendy. 2019. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática*. São Paulo: Ed. Politeia.
- Butler, Judith. 2021. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. São Paulo: Editora Unesp.
- Caregnato, Rita; Mutti, Regina. 2006. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 15, n. 1. <https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFCtbZDZHgNP/?lang=pt>.
- Castells, Manuel. 2018. *Ruptura: a crise da democracia liberal*. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras.
- Cesarino, Letícia. 2019. Populismo digital, neoliberalismo e pós-verdade: uma explicação cibernética. VII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia.
- Cesarino, Letícia. 2022. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora.
- Dahl, Robert. 2004. Los Sistemas Políticos Democráticos en los Países Avanzados: éxitos y desafíos. In. *Nueva hegemonía mundial. Alternativas de cambio y movimientos sociales*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales.
- Dahl, Robert. 2012. *A democracia e seus críticos*. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes.
- FBI. Hate Crime Statistics. 2020. Uniform Crime Reporting Program's (UCR): <https://www.fbi.gov/how-we-can-help-you/more-fbi-services-and-information/ucr/hate-crime>.
- Gonçalves, Anderson. 2016. Análise de conteúdo, análise do discurso e análise de conversação: estudo preliminar sobre diferenças conceituais e teórico-metodológicas. *Administração: Ensino e Pesquisa*, v. 17, n. 2: 275-300. <https://www.redalyc.org/journal/5335/533560872003/533560872003.pdf>.
- Gonçalves, Fernanda; De Assis, Marcella. 2019. Twiplomacy: a ascensão de Donald Trump em 140 caracteres. *Conjuntura Austral*, v. 10, n. 49: 42-61.
- Han, Byung-Chul. 2018. *No enxame: perspectivas do digital*. São Paulo: Ed. Vozes Limitada.
- Jüpskas, Anders; Leidig, Eviane. 2020. *Knowing what's (far) right: A compendium*. Oslo: Center for Research on Extremism.
- Lacan, Jacques. 1966. *Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse*. *La psychanalyse*, n° 1, P.U.F. Disponível em: <http://staferla.free.fr>. Acesso em: 28 ago. 2023.
- Lepore, Jill. 2020. *Estas verdades: a história da formação dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Intrínseca.





- Lévi-strauss, Claude. 2018. *Antropologia estrutural dois*. São Paulo: Ubu Editora LTDA-ME.
- Levitsky, Steven, Ziblatt, Daniel. 2018. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Luke, Timothy. 2021. Democracy under Threat after 2020 National Elections in the USA: ‘Stop the Steal’ or ‘Give More to the Grifter-In-Chief?’. *Educational Philosophy and Theory*, v. 55, n. 5: 1–8. <https://doi.org/10.1080/00131857.2021.1889327>.
- Mahoney, James. 2008. The Logic of Historical Explanation. *Comparative Political Studies*, v. 1, n. 1: 114 -146. <https://doi.org/10.1177/0010414008325433>.
- Mari, Silvia; Zúñiga, Homero; Suerdem, Ahmet; Hanke, Katja; Borwn, Gary; Vila, Roosevelt; Boer, Diana; Bilewicz, Michal. 2022. Conspiracy theories and institutional trust: examining the role of uncertainty avoidance and active social media use. *Political Psychology*, v. 43, n. 2: 27-296.
- Marie, Antoine; Altay, Sacha; Strickland, Brent. 2023. Moralization and extremism robustly amplify myside sharing. *PNAS nexus*, v. 2, n. 4.
- Miguel, Luis Felipe. 2000. Um ponto cego nas teorias da democracia: os meios de comunicação. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais (BIB)*, n. 49: 1-77. <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/225>.
- Mudde, Cas. 2019. *The Far Right Today*. Cambridge: Polity Press.
- Mudde, Cas. 2000. *The Ideology of the Extreme Right*. Manchester: Manchester University Press.
- Muhammad, Mohd; Nirwandy, Noor. 2021. A Study on Donald Trump’s Twitter Remark: A Case Study on the Attack of Capitol Hill. *Journal of Media and Information Warfare*, v. 14, n. 2: 75-104. <https://ir.uitm.edu.my/id/eprint/46937/1/46937.pdf>.
- Munn, Luke. 2021. More than a mob: Parler as preparatory media for the US Capitol storming. *First Monday*, v. 26, n.3: 1-16. <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/11574>.
- Nobre, Fábio; Accioly Filho, Lauro. 2022. Democracias avançadas em risco: estudo de caso da campanha eleitoral de Donald Trump (2016). *Carta Internacional*, v. 17, n. 3: 1-25. <https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/1277/923>.
- Norris, Pippa; Inglehart, Ronald. 2019. *Cultural backlash: Trump, Brexit, and authoritarian populism*. UK: Cambridge University Press.
- Oliver, J. Eric; Wood, Thomas J. 2014. Conspiracy theories and the paranoid style (s) of mass opinion. *American journal of political science*, v. 58, n. 4: 952-966.
- Onuf, Nicholas. 2001. *The Strange Career of Constructivism in International Relations*. In: Centre of International Studies, University of Southern California, Seminar: (Re) Constructing Constructivist IR Research. Columbia: University of South Carolina Press.
- Pariser, Eli. 2012. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar.







- Sátyro, Natália; D'albuquerque, Raquel. 2020. O que é um Estudo de Caso e quais as suas potencialidades. *Sociedade e Cultura*, v. 23, n. 1. DOI: 10.5216/sec.v23.e55631.
- Sibilia, Paula. 2016. Eu, eu, eu... você e todos nós. In: *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Silva, Adriana Brito; Brites, Cristina; Oliveira, Eliane; Borri, Giovanna. 2014. A extrema-direita na atualidade. *Serviço Social & Sociedade*, v.1, n.119: 407-445.
- Sodré, Muniz. 2014. Organização do comum. In: *A Ciência do Comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis: Vozes.
- Stanley, Jason. 2018. Como funciona o fascismo: A política do “nós” e “eles”. Rio Grande do Sul: L&PM Editores.
- Stocking, Galen; Mitchell, Amy; Matsa, Katerina; Afkari, Sogand; Grant, Andrew. 2022. The Role of Alternative Social Media in the News and Information Environment. Pew Research Center. <https://www.pewresearch.org/journalism/2022/10/06/the-role-of-alternative-social-media-in-the-news-and-information-environment/>.
- Teitelbaum, Benjamin R. 2020. War for eternity: The return of traditionalism and the rise of the populist right. United Kingdom: Penguin.
- Weldes, Jutta; Laffey, Mark. 2004. Methodological reflections on discourse analysis. *Qualitative Methods*, v. 2, n. 3: 28-30. <https://research-information.bris.ac.uk/en/publications/methodological-reflections-on-discourse-analysis>.

